



Universidade de Brasília

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE**  
**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**



**ANA MARIA PEREIRA**

**A INCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA  
ESCOLA MULTISSERIADA**

BRASÍLIA

2013

**ANA MARIA PEREIRA**

**A INCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA  
ESCOLA MULTISSERIADA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – UAB/UnB como requisito para a obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

BRASÍLIA

2013

**PEREIRA.** Ana Maria. A inclusão no Ensino Fundamental em uma escola multisseriada. Março de 2013. 46 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

# **A INCLUSÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA MULTISSERIADA**

**ANA MARIA PEREIRA**

Monografia aprovada com requisito parcial para obtenção do grau de graduada do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Professor/a Orientador/a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Membros da Banca Examinadora

a) Anelice da Silva Batista

b) Edeilce Buzar

Às minhas filhas pela compreensão das minhas faltas e reconhecimento pela dedicação aos meus estudos.

Aos educandos e professoras da escola pesquisada que se dispuseram e subsidiaram minhas intervenções para que minha pesquisa fosse realizada.

A mim mesma, pela perseverança e dedicação ao longo do curso e trabalho de pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Neste momento especial, mil e um motivos devo ter para agradecer.

A Deus, pela fé fortalecida, a cada novo dia, desta incrível jornada.

Aos anjos que me acompanharam e iluminaram meu caminho.

A família, pela ausência em muitos finais de semana e na semana também.

Agradecer à persistência, a decisão a vontade de ser e crescer.

As muitas horas de estudo, a viagem por entre as leituras encurtando a distância até as práticas.

Aos mestres que, com o exemplo, me fizeram acreditar que era possível recomeçar.

As palavras de incentivo dos amigos que me levaram a pensar e agradecer.

E novamente agradecer pela oportunidade de realizar este trabalho.

## RESUMO

O presente estudo teve como intenção investigar acerca do processo de inclusão numa escola rural multisseriada da rede municipal de Alexânia – Goiás. De início, foi feito um levantamento teórico sobre os aspectos históricos educacionais voltados para a Educação Inclusiva bem como seus avanços ao longo dos anos. Na sequência uma discussão sobre as Necessidades Educacionais Especiais – NEE – e uma abordagem sobre deficiências intelectuais e físicas. Para realizar a pesquisa foram realizadas entrevistas com a educanda N, a respectiva professora e a sua mãe. Os resultados obtidos mostram um descompasso entre família e escola na continuidade do processo de atendimento desenvolvido pela professora, a falta de discussões pedagógicas e de ações que deem embasamento ao trabalho da docente e também de cursos que a qualifiquem a atender a educanda em suas singularidades pedagógicas. Quanto ao modelo de políticas públicas aplicadas na Educação Inclusiva mostrou falta de uma estrutura na escola multisseriada onde há diversas séries em um mesmo espaço sem a diminuição de alunos de modo a atender a educanda com deficiência. Todos esses obstáculos impedem consideravelmente o desenvolvimento pleno da educanda, mostrando que a Educação Inclusiva, na zona rural, precisa ser repensada seriamente.

**Palavras-chave:** Multisseriação, Educação Inclusiva, Docência.





## SUMÁRIO

RESUMO.....	7
APRESENTAÇÃO.....	10
PARTE I .....	11
MEMORIAL EDUCATIVO .....	12
PARTE II .....	17
INTRODUÇÃO .....	18
OBJETIVOS .....	21
Geral .....	21
Específicos .....	21
JUSTIFICATIVA .....	21
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO .....	23
1.1 Educação Inclusiva: histórico dos aspectos educacionais .....	23
1.2 Educação Inclusiva: atualidade e avanços.....	23
1.3 As Necessidades Educacionais Especiais .....	26
1.4 A Deficiência Intelectual: aspectos relevantes .....	27
1.5 A Deficiência Física: conceitos, características e estímulo precoce.....	29
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.....	32
2.1 Descrição da Metodologia.....	32
2.2 Conceito da Pesquisa .....	32
2.3 Período da Pesquisa .....	33
2.4 Instrumento de Coleta de Dados.....	33
2.5 Sujeitos da Pesquisa .....	34
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	35
3.1 Análise do Caso .....	35
3.1.1 A voz da aluna”N”.....	35
3.1.2 A voz da professora.....	37

3.1.3 A voz da mãe .....	38
3.1.4 As vozes: breve análise.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
PARTE III .....	43
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES.....	47

## APRESENTAÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso é formado por três partes. A primeira etapa é a construção de um memorial educativo no qual apresento minha trajetória de vida: família, estudos, conquistas etc. Há um detalhamento de todos os fatos que são pertinentes na vida de qualquer pessoa. A segunda etapa tem como foco apresentar o processo de inclusão em uma escola multisseriada de Alexânia – Goiás. Configura-se como monografia, trabalho exigido para conclusão do trabalho final do curso de Pedagogia. E a última etapa foi construída mostrando meus possíveis passos após o término do curso de Pedagogia. São anseios, pretensões, ou seja, um rumo após a conclusão da minha graduação.

## **PARTE I**

## MEMORIAL EDUCATIVO

O presente Memorial tem por objetivo descrever a minha trajetória pessoal, educacional, acadêmica e profissional, destacando as principais atividades que já desenvolvi e as atividades que realizo atualmente. Registro, também, nesse documento, os cursos de aperfeiçoamento e atualização bem como os projetos elaborados e desenvolvidos durante o percurso de graduação.

Desde muito pequena sempre gostei da escola. Nem tinha idade escolar e já ia com minha irmã mais velha à escola onde ela estudava. Sua professora permitia que eu frequentasse as aulas assim mesmo. Fiz todo o primário nessa mesma escola que se chama José Machado de Lima, nome de um fazendeiro local que fez a doação do terreno. Nessa mesma escola conheci vários professores, os quais me incentivaram e serviram como modelo para a escolha da profissão hoje exercida e por coincidência na mesma escola mencionada.

Concluí o antigo curso ginásial na Escola Estadual 31 de Março em Alexânia e depois fiz Magistério no Colégio Novo Flórida, uma escola particular da cidade de Alexânia.

Como relatei acima, a educação sempre esteve presente em minha vida. Tenho nove irmãos: três homens e seis mulheres das quais duas mais velhas que eu são professoras. Uma há vinte e quatro anos e a outra há vinte. Com certeza, isso também me influenciou bastante na minha vocação profissional.

As questões vocacionais estão ligadas principalmente ao núcleo de convívio familiar. Ela normalmente é a principal determinante para a escolha, seja através da força ou mesmo do psicológico. Mas seja qual for a escolha feita, é sempre muito difícil tomá-la. Os pais precisam acompanhar e ensinar seus filhos a ter autonomia. A escolha profissional é um momento bastante oportuno para isto, lembrando que quem vai estudar e trabalhar com aquilo terá que ser responsável pelos erros e acertos dessa escolha. A vida consiste de escolhas e os pais devem também ensiná-los a serem responsáveis por elas.

As características que influenciam na escolha da profissão vão além das vocacionais, pois o ambiente, as pessoas de sua convivência e também sua situação financeira são fatores que influenciam na escolha vocacional. Assim, para que se escolha uma profissão e que tenha prazer em exercê-la, devem-se analisar vários pontos, em especial, se é o que se quer e se sente bem em fazer, pois além dos benefícios financeiros da profissão, o amor e a dedicação são itens fundamentais para obter sucesso profissional.

Diante da necessidade em aprimorar e consolidar cada vez mais minha profissão em busca de uma chance tentadora, veio o vestibular para Pedagogia na UnB e fui aprovada. Nunca imaginei que fosse conseguir devido a ser uma universidade bem requisitada e bem renomada.

Em 1997, iniciei meu curso de Pedagogia. De início, foi bem complicado por ser um curso a distância e não possuía muita agilidade com o computador, mas aos poucos fui me adaptando. Temos na atualidade um novo perfil de profissional, e este deve ser um sujeito com permanente capacidade de aprendizagem e de adaptação às mudanças. Devido a essas mudanças, a educação é mais do que nunca um dos pilares para a construção de qualquer sociedade que pretenda ser desenvolvida.

O ensino a distância veio para agregar e facilitar o acesso ao ensino com qualidade além de me oportunizar um envolvimento tecnológico útil e necessário, principalmente porque atuo na educação e tenho a responsabilidade de estar me atualizando profissionalmente para acompanhar a nova geração. A tecnologia é um recurso valioso para aperfeiçoar a aprendizagem.

Durante o percurso de graduação participei de alguns cursos de capacitação como: capacitação dos professores da educação básica, Programa Agrinho (20h em agosto de 2008), Encontro Pedagógico das Escolas Municipais e Estaduais (setembro de 2008, 20h), curso de Educação, Inclusão, Autonomia e Diversidade (dezembro de 2008, 120h), curso de Aperfeiçoamento - SENAR (março de 2009, 16h), Oficina de Leitura - O Lúdico em sala de aula, (julho de 2009, 4h), curso de Atividades Pedagógicas (oficina pedagógica) voltado para a musicalidade em sala de aula, palestra sobre drogas na escola, e Conferência Municipal de Educação (dezembro de 2009, 30h), curso de Introdução à Educação do campo - SECAD/FNDE (janeiro de

2010, 40h), curso de Alfabetização e Letramento - SECAD/FNDE (abril de 2010, 40h); curso de Capacitação-SENAR (Metodologia da pesquisa, Metodologia de projetos, Preservação do meio ambiente com ética e cidadania - agosto de 2010, 16h), curso de Gestão Educacional no campo SECAD/FNDE (Conselho de Educação e suas competências, Gestão Democrática- Conselho escolar, Os quatro Pilares da Educação- Aprender a conviver, Regimento Escolar, Educação indígena no campo - junho de 2010, 40h), Programa Gestar I Matemática FUNDESCOLA/ DIPRO/ FNDE/ MEC (dezembro de 2011, 240h).

Libâneo (1994), ressalta que a aprendizagem é troca de conhecimentos, é interação, é experiência de vida, é maturidade. Esta afirmação tem se tornado verdadeira no cotidiano do professor que busca aperfeiçoamento com a finalidade de oferecer ao aluno melhores condições de aprendizagem e até de compreender o universo das limitações tanto do professor e aí entra a instituição educacional e, também, das limitações do aluno em relação à alfabetização e letramento.

Diante da necessidade em conhecer uma nova modalidade ainda não trabalhada, a EJA, decidi estagiar numa sala de segundo e terceiro semestre que veio enriquecer bastante o meu currículo escolar e acadêmico. É grandiosa a experiência em se trabalhar com adultos que deixam suas casas, muitas vezes cansados pelo dia exaustivo de trabalho em busca de um conhecimento que pode, ainda que tardio, fazer a diferença em suas vidas.

Para Freire (apud Gadotti, 1979, p. 72), nos anos 40, a Educação de Adultos era entendida como uma extensão da escola formal entendida como uma educação libertadora (conscientizadora) e pontificada por Paulo Freire como educação funcional (profissional).

Nessa etapa do estágio trabalhei um projeto de intervenção sobre o folclore onde foi percebido um grande interesse e participação pela turma, porém nota-se a evasão e a falta de assiduidade por parte de alguns devido ao longo e exaustivo dia de trabalho.

Na segunda etapa de estágio optei por trabalhar com Ensino Fundamental - 1º e 2º ano (turmas multisseriadas), observando suas necessidades de intervenção na área de alfabetização, onde a professora regente coloca que sente uma enorme dificuldade na área de alfabetização por dominar mais a teoria tradicional. Elaborei um projeto envolvendo cantigas de

roda que apresenta a teoria construtivista e que o aspecto primordial é a quebra de paradigmas que os conceitos de Piaget trazem. É a troca do repasse da informação para a busca da formação do aluno; é a nova ordem revolucionária que retira o poder e autoridade do mestre transformando-o de todo poderoso detentor do saber para um "educador - educando", segundo as palavras de Paulo Freire, e esta visão deve permear todo um "ambiente construtivista".

O quesito mais importante para a construção de um "ambiente construtivista" é que o professor realmente conscientize-se da importância do "educador-educando", e que todos os processos de aprendizagem passam necessariamente por uma interação muito forte entre o sujeito da aprendizagem e o objeto, simbolizando como objeto o todo envolvido no processo, seja o professor, o computador, os colegas, o assunto. Somente a partir desta interação completa é que poderemos dizer que estamos "construindo" novos estágios de conhecimento

Já atuo como professora há doze anos. Alguns deles, em sala multisseriada, e analisando minha trajetória até aqui, percebe-se que, a maioria dos professores mesmo de salas seriadas, possui uma grande dificuldade na área de inclusão. O tema me chama a atenção devido a uma aluna DM e DF que tenho em sala de aula em que trabalho e que me proporciona desafios constantes em relação a isso. Dai veio a decisão pelo estudo de caso da mesma para melhor entender o porquê das dificuldades enfrentadas e quais suas causas. No projeto 3 desenvolvi um trabalho parecido sobre o assunto, mas pretendo aprofundar um pouco mais.

A Lei de Diretrizes e Base (Brasil, 1996), vê na Educação Especial um método formal de educação escolar. Nessa visão, é necessário que os alunos tenham uma estrutura que possibilite um ambiente propício tanto no campo educacional, como social, físico e artístico, e também professores e trabalhadores que saibam como conduzir cada fase desse processo através da educação continuada que assegurem um atendimento adequado às limitações de cada aluno. Vendo por esse lado, observa-se que a lei ampara além do processo ensino-aprendizagem oferecido na escola, também um acompanhamento específico por profissionais especializados e acompanhado pelos pais. O que nem sempre acontece.



## PARTE II

## INTRODUÇÃO

A inclusão foi concebida na intenção de oferecer condições igualitárias às pessoas com deficiência e que necessitem de algum auxílio para acessar o mundo que os cerca. Adequações e adaptações para que as pessoas com necessidades especiais tenham acesso tanto ao ambiente físico em si como rampas, banheiros adaptados e, também, no que se refere à área do conhecimento. Todas essas questões são importantes para que esse sujeito se sinta incluído e aceito. No espaço escolar são necessárias modificações na nossa forma de ensinar e precisam ser pensadas visando não apenas a garantia do acesso, mas também na permanência e aprendizagem no espaço social e escolar.

Na atualidade as instituições educacionais passaram a abrir suas portas para a inclusão. Percebe-se que, nos espaços educacionais afastados como as escolas localizadas na zona rural, estas transformações são vistas e postas em práticas de forma bem tímidas, lentas até. Afastadas dos pequenos ou grandes centros urbanos, são pouco assistidas pelo poder público e, por muitas vezes, os pais ou responsáveis dos educandos não conhecem seus direitos em relação ao acesso à educação inclusiva de qualidade.

A inclusão nas instituições escolares pode ser vista como por imposição de entidades superiores ou pela valorização das características e dos desafios de quem possui alguma espécie de Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Este fenômeno, esta ação, contribui significativamente tanto para que os educandos sejam membros efetivos de uma comunidade escolar e também que se relacionem em outros espaços sejam eles sociais, familiares, religiosos, no trabalho.

Nota-se que a abertura de vagas nas escolas para alunos com NEE é um passo importante no processo de inclusão, todavia este processo precisa ser realizado de forma a não apenas abrigar, acolher o educando no ambiente escolar. Caso isto ocorra, teremos uma exclusão dentro de um processo de inclusão, ou seja, a escola inclui para, depois excluir. Muitas localidades brasileiras, cidades ou espaços rurais já começaram a receber esse aluno, o que é preciso agora é dar oportunidades reais de aprendizagem,

de desenvolvimento das suas habilidades e competências físicas, mentais, ou sociais.

Existem também lugares onde este direito ainda não é uma realidade o que torna o acesso ao atendimento educacional especializado uma realidade distante a ser concretizada. Crianças e adolescentes enfrentam o descaso das instituições públicas que seriam responsáveis por oferecer o que já é um direito do cidadão. Em se tratando de escolas multisseriadas, o trabalho de acolhimento de alunos com NEE, ao mesmo tempo que é tão crucial e vital para o desenvolvimento do educando é visto como dispendioso e deixado de lado. A implantação da Educação Especial em locais de difícil acesso põe à prova o desenvolvimento da criança e do adolescente.

A forma como a inclusão é colocada em prática nas instituições educacionais ainda gera discussões favoráveis, mas também é alvo de críticas negativas. Evidentemente que ela, a inclusão escolar, contribui de forma honrosa para a diminuição da exclusão social. Leis foram criadas, já há ações e diretrizes nacionais e internacionais que determinam como, onde, com quem e quando ocorrer. Porém, esta implantação, e consolidação da inclusão ainda estão distantes do educando e do docente, aquele que tem contato direto com o processo. O professor, quando se vê diante de uma criança ou adolescente com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na sala de aula, se vê diante de um desafio, o qual terá que enfrentar.

Há intenção por parte de educadores e gestores locais, os que trabalham em áreas distantes do centro urbano em atender o educando, de acolher, de ofertar ensino, aprendizagem. Contudo, é preciso uma política pública de educação continuada voltada para a formação do docente, do profissional da educação que tem o desafio de atender o aluno com NEE. Poucos são os cursos voltados para o processo de aprimoramento da inclusão. A ação metodológica do educador precisa ser estar preocupada com as crianças e adolescentes com deficiência em sala de aula. Cada educando necessitará de um olhar específico, solidário e competente.

Os cursos de qualificação voltados para a inclusão escolar dão embasamento teórico e prático para que o docente saiba como atuar, de onde ele pode partir e que objetivo alcançar com determinado aluno, com sua turma, como apresentar para ele não apenas conteúdos, mas os caminhos e as

ferramentas que ele pode utilizar para vencer os desafios. O que ocorre atualmente é a escassez de cursos de aprimoramento. Quando ofertados, são feitos de forma generalizada sem atender às necessidades específicas tanto do docente como do aluno.

Porém, como toda mudança, novidade, a inclusão precisa ser repensada de forma a atender cada espaço educacional. O que provoca efeito positivo em uma escola, com certeza, não servirá para outra. Deste modo, torna-se necessário cada escola diagnosticar sua realidade, seus problemas, as necessidades de cada pessoa com necessidades educacionais especiais, suas virtudes e, então, a partir da sua visão, criar sua própria caminhada. Não existe receita pronta, mas, para que haja sucesso nesta área, é preciso foco no intuito oferecer ao educando condições reais de aprendizagem, de convívio com seus pares, também uma disposição para a qualificação enfim, motivação para entender, aprender e exercer as mudanças.

A intenção desta pesquisa, com dados encontrados por meio de investigação, é a observância do processo de implantação da inclusão em uma escola multisseriada no município de Alexânia – Goiás, a Escola X, localizada na zona rural, mais precisamente no povoado de Alvorada, que possui uma aluna com necessidades especiais, a aluna “N”. Para obter estas respostas optou-se por uma pesquisa de cunho exploratório onde o levantamento de informações dar-se-á por um questionário elaborado e aplicado aos professores da escola observada e com a intenção de descobrir as necessidades encontradas pelos docentes no processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Neste questionário, a temática estará voltada para a coleta de informações que resultem em dados esclarecedores que possam entender e mostrar o perfil das escolas seriadas e multisseriadas que atendam alunos com NEE. Também haverá um questionário específico para a aluna “N”. O período da pesquisa, a observação dos resultados, a redação do texto final e apresentação da pesquisa aconteceram entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013. Após a realização da coleta de dados, todos os resultados estão expostos em tabelas explicativas acompanhadas de uma análise.

O objetivo geral deste trabalho é problematizar o processo de inclusão em uma escola multisseriada no município de Alexânia – Goiás.

Diretamente ligados a este objetivo estão os específicos que são: Conhecer a estrutura educacional das escolas multisseriadas de Alexânia - Goiás bem como sua atuação junto aos alunos; investigar qual a necessidade dos docentes na área da educação inclusiva de forma a dar condições para que a sua atuação possa oferecer condições aos educandos com NEE de aprendizagem e desenvolvimento e verificar como é a oferta de vagas para alunos com NEE nas escolas multisseriadas de Alexânia – Goiás;

As escolas multisseriadas possuem características diferenciadas de uma escola seriada e, portanto, todo o processo de atuação do docente precisa passar por reformulações que atendam às necessidades de seus alunos visto que muitos são oriundos de localidades distantes dos grandes centros urbanos onde a informação chega com mais dificuldade. Não é o intuito dessa pesquisa avaliar as potencialidades cognitivas dos alunos matriculados nas escolas multisseriadas, mas a justificativa principal a ser oportunizada aqui é a de descobrir quais são as necessidades dos docentes e dos alunos com NEE na área pedagógica, de locomoção, de acompanhamento e de qualificação profissional dos trabalhadores em educação da escola da pesquisa.

A Lei de Diretrizes e Base (Brasil, 1996) vê na Educação Especial uma modalidade de educação escolar. Nessa visão, é necessário que os alunos contem com uma estrutura que possibilite um ambiente propício tanto no campo educacional, como social, físico e artístico, e também professores e trabalhadores que saibam como conduzir cada fase desse processo através da educação continuada que assegure um atendimento adequado às limitações de cada aluno. Um aluno com deficiência visual tem características diferenciadas de um aluno com deficiência motora ou intelectual. O que fazer com cada aluno dependerá do que o professor sabe sobre determinada deficiência e, então, colocar em prática nas salas de aula o que aprendeu.

Percebe-se que há mudanças significativas em toda a estrutura educacional a partir do momento que aqueles que trabalham em educação sentem a necessidade de rever conceitos, buscar respostas para certas indagações e partem para buscar conhecimento seja por meio de cursos de extensão, presenciais ou a distância.

Essa pesquisa retrata o desejo da pesquisadora em dar algumas contribuições na construção desse momento. Como professora de uma mesma

rede educacional, a minha vontade é analisar a estrutura de ensino voltada para a educação inclusiva das escolas multisseriadas onde boa parte dos profissionais já atuou e ainda é uma realidade nas escolas municipais de Alexânia.

O primeiro capítulo ressalta o contexto histórico da inclusão na área educacional. Este embasamento será de suma importância também para entender como anda o processo de adequação e consolidação da educação inclusiva. O desempenho do docente frente a estes desafios é o enfoque que encerra o primeiro capítulo.

O segundo capítulo retrata a metodologia e suas definições como espaço observado, personagens e recursos utilizados.

O terceiro capítulo envolve os resultados e as discussões juntamente com a análise de caso da aluna "N" nas falas da professora, da mãe da educanda e da própria educanda. E por último, as considerações finais.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **1.1 Educação Inclusiva: histórico dos aspectos educacionais**

A educação especial foi pensada no intuito de ofertar condições de ensino aos educandos com algum tipo de limitação física ou intelectual. Para que haja um atendimento de excelência, é preciso modificações ou adequações tanto no espaço educacional onde pode-se instalar rampas de acesso, banheiros adaptados, trilhas personalizadas, livros com códigos específicos entre tantas outras possíveis adaptações. Não há processo de inclusão sem, de fato, haver aceitação dos diferentes sujeitos com suas singularidades e habilidades nos espaços onde ele possa aprender e se desenvolver. (OLIVEIRA & MIRANDA, 2007)

Para Sasaki (1999, p. 42),

A inclusão social, (...), é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos (espaços internos e externos), equipamentos, aparelhos e utensílios, mobiliário e meios de transporte) e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais.

Todo o processo de inclusão tem que ser visto aos olhos dos direitos que as pessoas obtiveram ao longo dos últimos anos. Para Fonseca (1995), quatro etapas foram determinantes para que houvesse este momento atual. A seguir, algumas definições.

A primeira etapa, o período da exclusão, data ocorrida antes do século XX, determinava a incapacidade de qualquer pessoa que possuía alguma deficiência ou limitação de acompanhar seus pares de forma igualitária. Não apenas uma constatação, mas também o acesso negado às instituições de ensino.

A segunda etapa, vista como a fase da segregação institucional, consolidada a partir do século XX, constituiu os primórdios da aceitação das pessoas com deficiência, porém esta abertura estendia a pequenos passos como a alfabetização.

Na terceira etapa, a fase da integração, mais precisamente na década de 70, ocorreu uma mudança significativa no modo como era vista toda a inclusão, ou a integração da criança com deficiência. A “aceitação” dos educandos com deficiências era moldada na adaptação dos “incluídos” ao meio educacional e em salas de aulas criadas para os educandos tidos como “normais”.

A última etapa, ocorrida entre as décadas de 80 e 90, foi responsável pelos progressos que se tem na atualidade, lutava pela adaptação da escola às necessidades dos educandos e suas diferenças individuais. A ideia desta luta era a de que a aceitação não apenas estava direcionada para a matrícula, mas uma severa adaptação de todo o espaço educacional com suas áreas às diferenças da criança e do adolescente.

O século XX serviu como marco do surgimento da classe média brasileira e, também, dos movimentos de valorização da educação como caminho de crescimento pessoal e da observância do que era realmente importante, interessante e necessário para a construção de uma identidade nacional nos aspectos educacionais com a atenção voltada para toda a sociedade sem excluir ninguém.

## **1.2. Educação Inclusiva: atualidade e avanços**

A atuação docente tem sofrido mudanças significativas ao longo das últimas décadas. Todo este processo tem sido de suma importância na busca por uma educação de qualidade. Os desafios são muitos e, para a educação inclusiva, tal momento torna-se mais desafiador, porém frutífero e necessário. Há educandos em todo o território nacional que precisam de algum auxílio de acordo com a necessidade específica e cada educando precisa ser atendido de forma individualizada. Um conjunto de leis já foi regulamentado oportunizando condições de acesso, porém a permanência deste educando nos espaços escolares e sua aprendizagem determina o sucesso desta empreitada (DIAS, 2006).

A presença de leis que assegurem o acesso a vagas no processo de inclusão não é a certeza de que a criança terá este acesso garantido. Mesmo em um momento de abertura nas instituições públicas educacionais para



atender este educando, é possível encontrar a vaga, a matrícula garantida, porém as adaptações necessárias, tanto físicas como pedagógicas ou metodológicas, quando existem, não suprem a necessidade específica da criança. Cria-se aí um processo de exclusão dentro da inclusão, pois, de acordo com Lopes (2006), uma ação gera a outra e também a diversas ações equivalentes.

Para atender com excelência o educando com necessidades educacionais especiais é preciso que as instituições se proponham a mudar o núcleo escolar no intuito de compreender, atender e propiciar ao educando oportunidades de avanços. Já é possível encontrar em algumas escolas brasileiras tais atitudes, porém este avanço ainda é mínimo frente aos desafios de atender a todos os educandos com NEE.

Segundo Morin (2002), não basta apenas que ocorra mudanças institucionais ou curriculares, mas uma nova racionalidade na forma de compreender o complexo mundo exterior, que pode se entender pelas formas como o homem entende a inclusão, as necessidades especiais. Espaços sofrem adaptações para tentar adequar-se às necessidades dos alunos, mas mesmo assim não há ainda um referencial de atendimento condizente e com qualidade em toda a rede que permita ao educando acompanhar os colegas tidos como “normais”. Para que isto ocorra, a participação do docente é primordial e ele precisa estar em constante processo de formação. O docente, quando qualificado, é capaz de entender as reais carências do educando, criar ações que atendam a criança e motivá-la de modo a superar barreiras.

### **1.3. As Necessidades Educacionais Especiais**

O aluno pode, no decorrer da sua caminhada acadêmica, apresentar algum tipo de necessidade especial de acordo com as Diretrizes para a Educação Especial da Educação Básica (BRASIL, 2001). Tal necessidade precisa ser conhecida pelo docente de modo a auxiliar o educando no processo de seu desenvolvimento cognitivo, físico e social.

A Convenção da Guatemala, internalizada à Constituição Brasileira pelo Decreto nº 3.956/2001, Art. 1ª conceitua deficiência como [...] “uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que

limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social”. Tal conceito mostra que a deficiência é vista como uma situação.

A Constituição Brasileira (1988), mais especificamente no Artigo 208, utiliza a terminologia “pessoas portadores de deficiência”. Entende-se como o conceito de deficiência “as pessoas com deficiência mental, visual, auditiva, física, motora, deficiências múltiplas, autismo, distúrbios severos de comportamento, distúrbios de aprendizagem e superdotação”. Já para a Declaração de Salamanca (1994), as necessidades educacionais especiais referem-se a toda criança e jovem onde a sua necessidade acontece por meio da sua dificuldade de aprendizagem.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p. 14), há um objetivo bem estruturado que é o de “assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais, desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (...).”

Estas necessidades são vistas como comuns e podem aparecer na caminhada do educando, portanto, de acordo com a Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001, que criou as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2001), é preciso uma série de ações de modo a atenuar as deficiências e necessidades de cada educando de modo a promover aprendizagem e não uma inclusão que promove a exclusão.

Art. 6º Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, a escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com:

I – a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais;

II – o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;

III – a colaboração da família e a cooperação dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário. (p.70)

Torna-se necessário, novamente reafirmar, que o trabalho do docente precisa estar em constante processo de aprimoramento para que ele, juntamente com pais, equipe pedagógica e grupo gestor possam encontrar

soluções que amenizem ou atenuem os efeitos causados pelas deficiências ou necessidades educacionais especiais.

#### **1.4. A Deficiência Intelectual: aspectos relevantes**

Para a American Association of Mental Retardation (AAMR, 1992): o conceito mais plausível para a deficiência intelectual é o:

funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, coexistindo com limitações relativas a duas ou mais das seguintes áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidado, habilidades sociais, participação familiar e comunitária, autonomia, saúde e segurança, funcionalidade acadêmica, de lazer e de trabalho. Manifesta-se antes dos 18 anos de idade.

A deficiência intelectual já foi alvo de todo um conceito de maldição anteriormente até pela ciência e ela jamais pode ser confundida com doença mental e nem com problemas ou distúrbios de aprendizagem. As estatísticas brasileiras demonstram que a metade das pessoas com deficiência, num total de 15 milhões de brasileiros, é de deficientes intelectuais. O diagnóstico pode ser efetivado precocemente, mas a escola precisa estar atenta ao processo de aprendizagem do educando, suas ações e evitar, de forma expressa, rótulos antecipados.

Como instituição educadora, a escola com seus membros, precisa conhecer todas as modalidades de deficiências, incluindo aí a mental e a física e criar ações, em conjunto com a família e equipes especializadas, com a finalidade de atender as características de cada educando. Para tanto, uma proposta pedagógica estimulante ao aluno pode ser o ponto de partida para o sucesso na inclusão. A Conferência de Montreal (Canadá, 2004), afirma que as pessoas com deficiências intelectuais possuem direitos básicos, porém ainda pouco entendidos como diferentes. Essa declaração afirma, também, a necessidade de um maior enfoque tanto por parte das entidades públicas de saúde como daquelas voltadas para a educação.

## 1.5 A Deficiência Física: conceitos, características e estímulo precoce

Pessoas com deficiência física são aqueles que possuem comprometimento da capacidade motora. De acordo com o Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, pode-se assim definir o termo deficiência física:

Art. 4º - Deficiência Física:

Alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

O texto encontrado no documento “Salas de Recursos Multifuncionais. Espaço do Atendimento Educacional Especializado” publicado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2006, p. 28) determina que:

A deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema Osteoarticular, o Sistema Muscular e o Sistema Nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir grandes limitações físicas de grau e gravidades variáveis, segundo os segmentos corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida.

No diagnóstico da deficiência física, certos conceitos ou tabus devem ser evitados como achar que um deficiente físico seja um deficiente mental. Também, a deficiência física necessariamente não afeta a inteligência, em casos específicos, como em que as células da área cerebral sejam atingidas.

O estímulo precoce é uma espécie de intervenção para crianças que passam a não ter sensações sensoriais em determinadas áreas ou partes do corpo devido a sua dificuldade de locomoção. Este estímulo é essencial para

que a criança uma relação de troca com seu meio e efeitos futuros sejam suavizados ou eliminados.

Como processo de estímulo para a deficiência física precoce, são interessantes as ações que efetivamente coloquem a criança para caminhar, tocar, levantar, segurar, enfim, atitudes que privilegiem o sentido do tato. Interessante lembrar que um estímulo não pode ser encarado de forma generalizada, ou seja, o que faz efeito para uma criança, possivelmente não atenderá as necessidades de outra.

Convém ao professor experimentar diversos e adequados métodos de estímulos e também conhecer que tipo de deficiência a criança possui e, a partir daí, encontrar as ações possíveis. No processo de adequação da educação inclusiva é preciso, no espaço educacional, criar ações metodológicas e pedagógicas a partir de um levantamento teórico a respeito das potencialidades e fragilidades tanto das pessoas que possuem alguma necessidade especial como também do professor nas suas limitações. A pesquisa sendo de campo ou teórica auxilia o docente nas suas indagações e mostra um ponto a ser alcançado. Pesquisar alguma temática dentro das deficiências mostra que o docente não se conforma com a exclusão dentro da inclusão, mas procura, dentro do seu universo, propor caminhos possíveis para seu educando com NEE.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA**

#### **2.1 Descrição da Metodologia**

O segundo capítulo é destinado a uma descrição dos passos que resultaram na coleta de dados. A organização deste capítulo é seguida pelos tópicos seguintes: contexto da pesquisa, período da pesquisa, instrumento de coleta de dados e sujeitos da pesquisa. A pesquisa está embasada no modelo qualitativo de natureza exploratória, e todo o perfil da mesma serviu para conhecer como está o processo de inclusão numa escola multisseriada em Alexânia – Goiás.

O processo de inclusão e a aluna N são focos desta pesquisa, portanto há uma descrição das falas das pessoas que participam do cotidiano da mesma: a professora, a mãe e a própria aluna. Todas as respostas obtidas foram fruto de entrevistas com esses sujeitos e descritos e analisados no capítulo III.

#### **2.2 Contexto da Pesquisa**

A instituição escolhida para a pesquisa foi uma escola da rede pública municipal de Alexânia – Goiás, “a Escola X”, situada num povoado rural, às margens da BR-060 a 12km de Alexânia. Essa escola foi construída por um pai da comunidade, no ano de 1956, que doou o terreno para a construção. A mesma atende alunos do ensino fundamental – 1ª fase. Foi fundada em 1953, e, atualmente, oferta apenas o ensino fundamental – 1ª fase.

A escola possui dois professores e uma coordenadora, duas auxiliares de serviços gerais responsáveis pela merenda escolar e a limpeza de todo o prédio escolar. Há uma diretora nomeada pela Secretaria de Educação do município, que cuida de todas as escolas da zona rural e que responde por toda a documentação - pessoal, verbas, entre outras funções tanto desta como das outras escolas. É uma escola pequena, possui uma cozinha, três banheiros (dois para os alunos e um para os funcionários), piso cerâmico e forro PVC. Está bem conservada e possui boa aparência, apenas três salas, duas de aula

e uma coordenação, atendendo do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental, possuindo um total de 35 alunos em apenas um turno (Matutino), sendo, 14 alunos (1º e 2º ano) e 21 alunos (3º, 4º e 5º ano) a maioria dos alunos mora próximo à escola, mas também possuem alunos da zona rural que utilizam transporte escolar municipal.

O aspecto físico da escola é bastante aprazível com árvores ornamentais e frutíferas, jardins ao lado das salas de aula e na entrada da escola um canteiro central edificado com plantas rasteiras. Há calçamento ao redor da escola e o pátio, em sua grande maioria, é coberto pela vegetação natural. Existe ainda uma parte destinada a construção de um campinho de futebol de areia. Toda a frente da escola que fica em área pública e usada como espaço para os alunos aguardarem o início das aulas e, também, como estacionamento tanto para funcionários como para alunos. Há portões laterais beneficiando a entrada e a saída de alunos e funcionários. A escola possui muro edificado de proteção.

### **2.3 Período da Pesquisa**

O processo de coleta das informações ocorreu entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013.

### **2.4 Instrumento de Coleta de Dados**

O instrumento utilizado no intuito de pesquisar informações a respeito do processo de inclusão numa escola multisseriada da rede municipal de Alexânia – Goiás, foi uma entrevista aplicada à professora da aluna, a professora “G”, sua mãe, a senhora “Z”, e também a entrevista com a aluna “N”. Seus nomes foram trocados por letras para garantir o sigilo das suas identidades.

A entrevista com a professora “G” teve como foco os desafios que a mesma enfrenta no cotidiano escolar ao ter em sala de aula uma aluna com deficiência intelectual e física e, também, a sua percepção da inclusão.

A aluna “N” foi entrevistada na intenção de verificar seus receios, anseios, descobertas numa sala de aula multisseriada.

A entrevista com a mãe da aluna foi essencial para que se conhecesse com mais propriedade o histórico da aluna.

## **2.5 Sujeitos da Pesquisa**

Os membros da escola pesquisada que responderam à entrevista são a professora da aluna, a mãe e a própria aluna, portanto 3 (três) sujeitos.



## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DOS DADOS**

Este capítulo tem a intenção de apresentar os resultados encontrados a partir das entrevistas tanto com a aluna “N”, com deficiência intelectual e física, quanto com a professora “G”, que acompanhou a aluna no decorrer do ano letivo de 2012 como também com a mãe da aluna. Esta análise visa encontrar subsídios que mostrem como está a implantação da educação inclusiva numa escola multisseriada da rede municipal de Alexânia – Goiás.

#### **3.1 Análise do caso**

##### **3.1.1 A voz da aluna “N”**

A aluna “N”, 13 anos, com deficiência intelectual e física, cursou o 3º ano do ensino fundamental na escola pesquisada, no ano de 2012 e foi aprovada por uma resolução para o 4º ano, porém não desenvolveu a aprendizagem esperada devido às dificuldades encontradas tanto pelas necessidades especiais, quanto ao despreparo da professora que não possui formação para lidar com determinadas situações cotidianas da aluna. Considera-se que o acúmulo de séries, visto que a aluna está matriculada em uma turma multisseriada, dificulta ainda mais a inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais, devido ao pouco tempo com tantas turmas (1º, 2º e 3º ano). A aluna relatou que gosta de estar na escola, do contato com os colegas, da professora. Para ela, o período em que está na escola, ela sente que tem pessoas que se importam com ela.

A aluna já nasceu com a deficiência e possui muita dificuldade, principalmente na fala, o que dificulta bastante. A leitura, a mobilidade da mão esquerda é um pouco comprometida e percebem-se limitações ao segurar alguns objetos, porém não interfere muito na escrita, pois escreve com a direita e, apresenta uma excelente caligrafia. Seu caderno é muito organizado, pinta e desenha muito bem, mesmo tendo limitações em um dos pés, participa sempre das recreações e educação física, nota-se uma vontade enorme de realmente

se incluir e com isso os alunos se sentem muito à vontade e gostam muito dela, mas isso ela conquistou com o tempo, no início quando entrou na escola ela babava bastante e sempre na hora do lanche alguns alunos se sentiam enojados, mas com o tempo foi diminuindo e os alunos acabaram se acostumando. Sempre houve um cuidado por parte da professora em chamar a atenção dos colegas quando algo se configurava como discriminação.

A aluna enfrentou uma brusca e frustrante separação dos pais, a mãe depressiva, tentou suicídio por duas vezes. “N” mora a 1 km de distância da escola e vai e volta somente com dois primos menores, a pé, mesmo assim tem se mostrado muito interessada pela escola. No ano passado sua mãe, desacreditada no desenvolvimento da filha, não queria colocá-la na escola, só em meados de março resolveu devido a mesma reivindicar e chorar bastante para ir para a escola. Segundo a ficha de matrícula da aluna, a mesma já reprovou duas vezes e não estudou durante dois anos. Também sua primeira matrícula ocorreu tardiamente, pois a mãe achava que a filha não tinha condições de aprendizagem. Nesta escola a aluna está há 4 anos.

Para a aluna, ir à escola é um momento de alegria. Sente-se querida, amada, acolhida tanto pelos alunos como pela professora. O que ela acha ruim é não conseguir acompanhar a turma e não ter domínio do que escreve. As atividades físicas são outra barreira vista pela aluna na escola onde estuda. Como possui deficiência física e intelectual, não consegue participar das brincadeiras exclusivas para as crianças sem deficiência. Porém, ela fala que, às vezes, os colegas e a professora preparam alguma atividade física que consegue participar pela sua simplicidade e adequação às suas características. A aluna disse que, futuramente, gostaria de ser professora.

Na fala da aluna, é possível descobrir a sua aceitação diante da maioria dos colegas, poucos são os que não interagem com ela nas brincadeiras e nas atividades diárias da escola. Mesmo em meio a alguns obstáculos físicos presentes como a calçada irregular e a ausência de uma cadeira adequada à sua deficiência ela se sente integrada e incluída à escola. Ela acrescentou também que a escola oferta a ela momentos onde ela se sente importante.

Quando perguntada sobre a forma como a professora direciona as atividades, a aluna disse que sente a vontade que a professora tem em auxiliá-

la, em oferecer condições de aprendizagem, contudo a aluna relatou que já viu reportagens em que deficientes tinham oportunidades de acesso à escola e diferenciadas da dela, o que a deixa um pouco frustrada. Relatou que, sua intenção é de prosseguir os estudos, mas as condições da família dela são poucas em relação às suas deficiências.

### **3.1.2 A voz da professora**

A professora “G”, 32 anos, possui apenas o Magistério, com 10 anos de trabalho na carreira na Educação concursada. Em 2012, estava com as turmas de 3º, 4º e 5º ano por se tratar de uma escola multisseriada. Sua sala possuía à época, 20 alunos. Mesmo tendo uma aluna com NEE, a turma não deixou de ser multisseriada e nem a aluna remanejada para uma turma única, ou seja, o 3º ano, onde a aluna tivesse um atendimento individualizado juntamente com seus colegas. Segundo a professora, caso houvesse apenas uma série, as atividades destinadas não só para a aluna, mas para todo o grupo poderiam ser melhor preparadas, trabalhadas, enfim, a dedicação à turma seria mais intensa e, conseqüentemente, a aluna seria mais produtiva.

A professora, apesar de uma jornada significativa na educação, não teve experiências com alunos com deficiências como “N”. Para a professora, sua dedicação à aluna fica restrita, pois há 3 séries diferentes que ela precisa estar atenta e é cobrado dela um nível de aprendizagem satisfatório tanto pelos pais como pelos órgãos competentes. Por muitas vezes, ela, a professora, se vê frente a frente com a aluna e sente-se impotente, incapaz de compreender seu mundo, suas necessidades, até sua fala.

“G” está cursando Pedagogia em uma instituição pública e, neste percurso como aluna, tem aprendido muitos conceitos teóricos sobre educação inclusiva, necessidades educacionais especiais, porém os cursos ofertados pela Secretaria Municipal de Educação de Alexânia – Goiás, não vão ao encontro das necessidades apresentadas pela aluna, o que deixa a professora aflita. De acordo com a professora, quando um educando fosse matriculado e que tivesse alguma necessidade especial, de imediato, o professor deveria ser qualificado e que se reduzisse o número de alunos para casos de turmas

únicas ou que se desmembrassem as turmas em caso de escolas multisseriadas.

Para a professora, os cursos em que ela já participou são bastante generalistas e não atendem aos interesses cotidianos dos docentes que trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais. Segundo a professora seria valioso um fórum de discussões entre os próprios docentes, em espaços de tempo pré-determinados, de modo que eles mesmos pudessem aprender na prática um com os outros e encontrar, a partir desta conversas, caminhos e nortes que amenizassem tanto o trabalho do docente como as carências dos educandos. Se possível que toda essa tarefa discussão fosse acompanhada por profissionais qualificados tanto da área da saúde como da educação.

De acordo com “G”, apesar das dificuldades, “N” é muito aplicada, sempre faz as tarefas, possui uma ótima coordenação motora, seu caderno é muito organizado e possui ótima caligrafia, porém apresenta resistências à leitura, ora lê, ora esquece. Devido ao problema na fala, torna-se difícil o entendimento da sua leitura, sua dicção é complexa, o que poderia ter sido amenizado ao menos com o tratamento fonoaudiólogo, mas a mãe desinteressou-se aos exercícios que a médica passou para que ela aplicasse em casa com a filha.

Enfim, para a professora, o trabalho de inclusão não é tarefa fácil, por vários motivos acima citados, mas em salas multisseriadas se torna ainda mais complicado. Segundo a docente, a lei ampara, mas muitas vezes não dá suporte para que realmente funcione e quem acaba sendo prejudicado é o aluno que por negligência ou despreparo fica à mercê de uma inclusão que na realidade o exclui.

### **3.1.3. A voz da mãe**

Z é a mãe da aluna N, 37 anos, mora numa região distante da escola aonde a filha estuda. De família agrícola e com pouca instrução – estudou até o 6º ano – tem mais dois filhos mais novos e vive do que colhe no campo. De poucas palavras, Z cuida sozinha dos filhos, pois o marido resolveu “seguir outro rumo”. De aparência cansada ao ser entrevistada, relatou que tem pouca ou nenhuma paciência com a filha. Às vezes que leva a filha na escola

acha que tudo isso é perda de tempo, que não adianta nada estudo para uma pessoa que “tem esses problemas”. Outras vezes, a filha vai com os colegas que moram próximos a sua casa. Em certo momento disse que os colegas têm mais paciência com a filha do que ela própria. Quando perguntada se já tinha procurado por auxílio de algum especialista, a mãe relatou que levou a filha a uma fonoaudióloga e à fisioterapeuta, mas achava que “aquele esforço” por parte dela não seria útil. Orientada pelas profissionais a realizar alguns exercícios em casa com a filha, Z disse que fez umas duas ou três vezes e viu que “isso não ia ter resultado e parou”. Nos momentos em que a educanda está em casa, Z relatou que ela brinca com os irmãos e também tem gosto em folhear os cadernos e livros. Às vezes sente que a filha pode prosseguir nos estudos, outras vezes, acha que N não tem preguiça em falar ou de ler algo para ela. Já com os irmãos, ela é desinibida e gosta de brincar de “escolinha”.

#### **3.1.4. As vozes: breve análise**

O Objetivo geral deste trabalho é problematizar o processo de inclusão em uma escola multisseriada. Nessa escola, aluna, mãe e professora se vêem, convivem por determinado tempo juntas, porém ainda não descobriram os caminhos das descobertas que podem interferir diretamente na aprendizagem da aluna. Vê-se que há um vácuo entre as três personagens. Quando há uma aproximação, barreiras são quebradas, o processo ensino-aprendizagem ocorre de maneira dinâmica e prazerosa e as deficiências são vistas como possíveis eficiências.

Percebe-se que as barreiras encontradas na escola multisseriada estão muito além da deficiência da aluna. É perceptível essa barreira na falta de aceitação da mãe em relação à deficiência da filha, também a forma como ela auxilia a filha e sua compreensão do mundo da criança. A docente vê-se presente no mundo da criança, porém ainda não sabe como conquistar espaço definitivo como condutora e motivadora da aprendizagem da aluna. Uma simples troca de experiências entre esses personagens e uma busca em conhecer a aluna e suas fragilidades e deficiências poderia ser uma maneira de começar a consolidar a educação inclusiva em escolas multisseriadas com sucesso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso da criança com necessidades educacionais especiais à escola consiste em um enorme desafio na atualidade não apenas para o educando, mas para toda a comunidade escolar. Os pais precisam de apoio, de envolvimento real com a causa, de determinação no intuito de ofertar ao filho condições de chegar à escola, de estar em consonância com a escola empreendendo uma parceria, criando elos que visem o bem estar da criança, evitando expor frustrações, mas viabilizando o acesso da criança à escola. A escola, no seu papel, precisa de adaptações não apenas na estrutura física, mas também na forma de apresentar sua metodologia de trabalho, suas ações pedagógicas, sua maneira de acolher o educando. Não apenas garantir o acesso, mas reconhecê-la, promovendo mudanças significativas na forma de ensinar, nos materiais utilizados, no espaço, pois cada educando tem seu ritmo diferenciado de aprender, possui um desenvolvimento próprio no qual as diferenças serão estudadas e descobertas também a maneira de proporcionar espaços de aprendizagem, seja ele com deficiência ou não.

É preciso que as políticas públicas educacionais criadas e voltadas para a Educação Inclusiva possam ser exercidas, cobradas, visto que o educando com NEE precisa ser não apenas acolhido, mas ter as mesmas oportunidades que qualquer outra criança. Oportunizar ao docente meios para que ele possa capacitar-se, qualificar-se, como os encontros pedagógicos em que a discussão das experiências, dos receios de cada docente sejam debatidas e encontrados meios de auxiliar o educando com NEE. Os cursos de capacitação são, em sua maioria, generalizados, voltados para a amplitude do problema, então, torna-se urgente conhecer a realidade da criança e agir de forma sistemática buscando apoio. As ações que trazem sucesso na escola no processo de inclusão, podem ser as menos significativas para alguns, mas de grande resultados para a criança.

O objetivo dessa pesquisa foi problematizar o processo de inclusão em uma escola multisseriada no município de Alexânia – Goiás. Mesmo em meio a um processo de descrédito por parte da mãe da aluna em relação ao desenvolvimento da criança, a professora tem procurado dar condições de aprendizagem à aluna, condições essas que estão atreladas ao pouco que a

professora sabe ou conhece a respeito de como auxiliar a aluna. A docente não passou por processos constantes de aperfeiçoamento, o que dificulta seu entendimento dos problemas de N e como auxiliá-la. O que ela faz é baseada em sua experiência profissional de 10 anos. Por ser uma sala multisseriada, a professora tem várias realidades dentro de um mesmo espaço e, ainda a realidade da aluna “N”. Não houve um processo de diminuição de crianças em virtude de, na sala de aula, estar matriculada uma criança com NEE. As cobranças dos pais em relação ao desenvolvimento das outras crianças fazem com que a professora, por muitas vezes, crie atividades que sirvam para todos os presentes, aprofundando as dificuldades nas séries mais avançadas, e N, por muitas vezes, repete ou copia a ação feita por um colega da turma sem ter o direcionamento da professora. Sem ter tempo e espaços suficientes, a professora não pode atender, de forma individualizada, respeitando o ritmo não apenas dos colegas de turma, mas de N, que tem deficiências físicas e intelectuais. Nota-se aí, a pouca ou nenhuma adequação dos espaços educativos no intuito de atender educandos com NEE. Os espaços educativos em escolas rurais, nessas situações, dificultam a aprendizagem significativa e o desenvolvimento da criança. Quanto à presença de uma criança com NEE, tal realidade torna-se ainda mais distante do que é necessário para oportunizar condições de aprendizagem, de desenvolvimento cognitivo, psico-social, físico, emocional,

No que se refere à participação da mãe, apesar de a professora tentar auxiliar a educanda ao fato de elevar o nível de aprendizagem da mesma, nota-se um fator crucial nesse contexto: a escola, por meio da secretaria de educação, ofereceu tratamento psicológico e fonoaudiólogo à aluna, porém a mãe se recusou a ajudar a filha no tratamento alegando incompetência das profissionais da área, inclusive interrompeu também um tratamento iniciado no Sarah no Distrito Federal. Percebe-se que há uma situação de fragilização das famílias, quando as mesmas convivem com a realidade das deficiências. É preciso que os pais e professores atentem para as necessidades das parcerias na intenção de dar continuidade ao que se aprende em casa e na escola. Uma instituição dá prosseguimento ao que a outra começa. Sem esse vínculo, não há como garantir pleno desenvolvimento a nenhuma criança.

## **PARTE III**



## **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Após o termino do curso de Pedagogia, minha pretensão é me especializar em Psicopedagogia, tentar concurso publico no DF, pois essa é uma prospecção futura desde antes da inicialização do curso de Pedagogia, devido a já atuar como professora há alguns anos e amar o que faço, pretendo levar adiante minha profissão de acordo com os teóricos estudados ao longo do curso.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº. 3.956, de 08 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. (1994, Salamanca). Brasília: CORDE, 1997. DECRETO nº 3.298/1999. Disponível em [www.81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm](http://www.81.dataprev.gov.br/sislex/paginas/23/1999/3298.htm). Acesso em 20/jan./2013.

DIAS, S. Educação e inclusão: projeto moral ou ético. **Educação e Subjetividade**, Faculdade de Educação da PUCSP, Ano 1, n.02, p.17- 42, 2006.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LOPES, M. C. O lado perverso da inclusão - a exclusão. In: FÁVERO, A.; DALBOSCO, C. e MARCON, T. (Org.) **Sobre Filosofia e Educação**: racionalidade e tolerância. Passo Fundo: Ed.Universidade de Passo Fundo, 2006, p.207-218.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Nacionais da Educação Especial no Ensino Básico. Brasília: MEC, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: reformar a reforma/reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

OLIVEIRA, M. C.; MIRANDA, A. A. B. **Inclusão Escolar**: concepções de professores de alunos deficientes mentais na educação regular. Disponível em [www.horizontecientifico.pro.php?id=297&article104&mode=pdf](http://www.horizontecientifico.pro.php?id=297&article104&mode=pdf). Acesso em 08 jan. 2013.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 3.ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999

## APÊNDICES

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

O (a) Senhor (a) está sendo convidado(a) a participar do projeto: \_\_\_\_\_

O objetivo desta pesquisa é: \_\_\_\_\_

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação será através de um \_\_\_\_\_ (ex: questionário ou entrevista; aqui você deve explicitar procedimentos que os sujeitos serão submetidos, bem como qualquer incômodo relatado) que o(a) senhor(a) deverá responder no setor de \_\_\_\_\_ na data combinada com um tempo estimado (os tempos de cada procedimento ou total dos procedimentos se realizados em uma única visita) para sua realização: \_\_\_\_\_. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição \_\_\_\_\_ podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o (a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a). \_\_\_\_\_, na instituição \_\_\_\_\_ telefone: \_\_\_\_\_, no horário: \_\_\_\_\_.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília. As dúvidas com

relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61)3107-1947.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o sujeito da pesquisa.

---

Nome / assinatura

---

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_